

O JORNAL VIDA OPERÁRIA: INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO, MOBILIZAÇÃO E LUTA DOS TRABALHADORES DE MANAUS *

*Luciano Everton Costa Teles ***

Resumo. O presente artigo visa destacar a relação existente entre História e Imprensa, particularmente a Imprensa Operária, focando o conceito desta categoria de Imprensa para, em seguida, apresentar os meandros e as nuances existentes e presentes na publicação de um jornal operário, intitulado *Vida Operária*, que circulou na Capital do Amazonas no ano de 1920 e se apresentava como um instrumento de conscientização, mobilização e luta dos trabalhadores de Manaus, defendendo e veiculando um projeto de participação política.

Palavras-chave: História; Imprensa operária; Mundos do trabalho.

THE NEWSPAPER VIDA OPERÁRIA: AN INSTRUMENT OF CONSCIENCE-RAISING, MOBILIZATION AND WORKERS' STRUGGLE IN MANAUS, BRAZIL

Abstract. Current investigation deals with the relationship between History and the Press, especially the Workers' Press, and focuses on the concept of press category coupled to the meanders and nuances existing in the publication of the workers' newspaper *Vida Operária* in Manaus AM Brazil, in 1920. It was a tool for consciousness-raising, mobilization and workers' struggle in Manaus, defending and transmitting a type of political participation.

Keywords: History; Workers' press; Labor worlds.

EL PERIÓDICO "VIDA OPERARIA": INSTRUMENTO DE CONCIENTIZACIÓN, MOVILIZACIÓN Y LUCHA DE LOS TRABAJADORES DE MANAUS

Resumen. El presente artículo busca destacar la relación existente entre Historia y Prensa, especialmente, la Prensa Obrera. Para ello, se centrará en el concepto de

* Artigo recebido em 09/07/2011. Aprovado em 14/11/2011.

** Mestre em História pela UFAM. Professor da Universidade Estadual do Amazonas. Manaus/AM, Brasil. E-mail: lucianoeverton777@hotmail.com

la categoría de Prensa para luego presentar los matices existentes y presentes en la publicación de un periódico obrero, titulado *Vida Operaria*, que circuló en la capital del Estado de Amazonas, en 1920. Este diario se presentaba como instrumento de concientización, movilización y lucha de los trabajadores de Manaus, defendiendo y vehiculando un proyecto de participación política.

Palabras Clave: Historia; Prensa obrera; Mundos del trabajo.

APRESENTAÇÃO

Sabe-se que por volta da década de 1970 os jornais, de uma maneira geral, incluindo os diários, pasquins, operários e similares, passaram a ser utilizados desde uma nova perspectiva. A partir desta, a atenção se voltou para os elementos constitutivos da construção dos textos jornalísticos. Esta postura foi difundida e acabou influenciando os historiadores que caminharam no sentido de romper com a postura que via os jornais como “fonte suspeita” ou, inversamente, como “repertório da verdade” e permitiu estabelecer questões que procuravam elucidar não o fato jornalístico em si, mas a construção deste fato. Atentou-se que na construção do fato jornalístico os elementos subjetivos e os interesses do jornal interferiam decisivamente. Desta forma, a tarefa preliminar de identificar os elementos construtores do fato se tornou central na construção historiográfica, uma vez que possibilitava identificar e localizar o jornal socialmente e, assim, melhor compreender a logicidade de seus discursos e a emergência de projetos de intervenção social e política que, por vezes, eles buscavam encobrir.

Com efeito, adoção de uma postura cautelosa e crítica no trato com a imprensa, se tornou referência obrigatória para os pesquisadores. Zicman (1985) lembrava que para os que resolviam tomar a imprensa como objeto/fonte de estudo historiográfico era necessário atentar para o eixo norteador de sua ação – o campo político e ideológico. Esta questão trouxe consigo a necessidade de estabelecer os principais traços característicos dos órgãos de imprensa a serem investigados. Era preciso indagar ainda sobre o modo como os jornais constituem formas de olhar e narrar os eventos e de fixar uma versão, entre outras possíveis. Era preciso identificar o “lugar social de onde cada jornal fala” (VIEIRA, 1989).

Este processo foi importante, uma vez que deu à imprensa um lugar de destaque nos estudos históricos, tal como sustenta Maria Helena Capelato:

Manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, a imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos. O periódico, antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, já é reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época (CAPELATO, 1994, p. 13).

A imprensa configurou-se como um “manancial dos mais férteis” para a reconstrução e elucidação do passado. Por meio dela, tornou-se possível recuperar dimensões sociais importantes, notadamente as lutas, os ideais, os compromissos e os interesses de diversos setores que compõem a sociedade. A imprensa possibilitou melhor conhecimento das sociedades no nível de suas condições de vida, manifestações culturais e políticas, dentre outros aspectos.

Considerado como um importante filão documental, o jornal passou a ser alvo de pesquisas, sobretudo os jornais operários. De acordo com Maria Nazareth Ferreira, quando se fala em imprensa operária se imagina uma imprensa produzida por operários. Mas isso se a considerarmos do ponto de vista do emissor. Já do ponto de vista do receptor, Imprensa Operária seria aquela que se dirige, prioritariamente, ao público operário e, do ponto de vista da mensagem (conteúdo), pode-se considerar como Imprensa Operária aquela cujas temáticas básicas são os problemas dessa classe (FERREIRA, 1988).

Para Ferreira (1988), é preciso ainda levar em conta outros elementos. O primeiro deles é a existência de uma razoável quantidade de publicações que, apesar de não serem produzidas por operários, e sim por elementos de outras categorias sociais (professores, advogados etc), visam a esse público, abordam uma temática operária e expressam, de uma maneira ou de outra, as reivindicações do operariado. Outra questão que se impõe é a articulação existente entre o partido, o sindicato e o jornal. Estes três elementos, suporte da luta da classe trabalhadora, devem ser considerados, sobretudo o papel atribuído ao jornal, muito embora não se possa reduzir a imprensa operária à imprensa sindical, pois a primeira possui um alcance muito maior. Por fim, a imprensa operária não pode ser avaliada desvinculada do movimento operário, pois ambos estão inter-relacionados pelas lutas da classe trabalhadora na construção de sua História.

O jornal *Vida Operária*, produzido no ano de 1920, caracteriza-se como um jornal operário por conta de se direcionar para a classe trabalhadora e por ser produzido e difundido em seu nome.¹

O JORNAL VIDA OPERÁRIA

O jornal *Vida Operária* passou a circular na arena jornalística a partir do dia 08 de fevereiro de 1920. Neste momento, Manaus já havia passado por modificações significativas em sua estrutura espacial e socioeconômica. Conforme a literatura que trata da expansão da economia gomífera, foi entre os anos de 1890 e 1920 que o espaço urbano, não somente sofreu intervenções no seu aparato físico, como também recebeu um número considerável de imigrantes e migrantes que passaram a atuar junto aos nativos nas atividades produtivas e comerciais que foram surgindo neste processo de expansão.

Entretanto, no ano que o impresso *Vida Operária* se apresentou à sociedade amazonense, o estado estava imerso numa grave crise econômica oriunda da gradativa marginalização da borracha nativa no mercado mundial, fruto da penetração da borracha cultivada no continente asiático. Este processo de marginalização da borracha nativa se materializou em falências, desempregos, carestia de vida e toda uma gama de problemas políticos e sociais que vão ganhar as páginas do jornal.

Sobre o *Vida Operária* foram publicados 26 números sendo o primeiro em 8 de fevereiro de 1920 e o último no dia 26 de setembro do mesmo ano. Era de publicação semanal e vendida avulso por \$200 e também por assinaturas anuais ao preço de 10\$000, semestrais ao preço de 6\$000 e trimestrais ao preço de 3\$500. Tinha grande formato, de 30 x 43 cm, quatro páginas e quatro colunas.

Nas duas primeiras páginas eram distribuídos os artigos e as notícias. Ao analisar a distribuição de ambos, se percebe a existência de dois eixos principais no discurso do jornal: o primeiro estava ligado à elaboração de críticas ao modo de produção capitalista e sua atuação exploradora e opressora sobre o operário; o segundo estava associado à orientação para uma determinada ação operária no sentido de se obter uma mudança social.

¹ Os produtores do jornal eram pessoas que não pertenciam à classe operária. Eram poetas, professores e demais pessoas ligadas a uma incipiente "classe média" manauara.

Os desdobramentos que surgem a partir daí trazem como questões a importância de um veículo de comunicação para a discussão e difusão de ideias. Seus temas recorrentes foram: desigualdades sociais presentes no mundo moderno; a situação política do operariado amazonense; a ação operária a ser seguida; a organização dos trabalhadores em associações; a fundação de um partido operário; a importância do processo político-eleitoral e; denúncias sobre questões do trabalho (acidentes de trabalho, demissões arbitrárias, multas e penalidades) e da vida (carestia dos gêneros de primeira necessidade, alcoolismo, jogatina e outros).

As matérias veiculadas nas páginas do jornal eram assinadas por diversas pessoas como demonstra o quadro abaixo:

Quadro 1. Colaboradores com matérias assinadas

AUTORES	ARTIGOS
Oswaldo Mário	Como surgimos nº 01.
Flávio Remar	Operariado nº 02; A carestia da vida nº 03.
Guilherme de Oliveira	Aurora promissora nº 01; Outro rumo nº 06.
João do Monte	Colaboração ² nº 02; A postos nº 04.
Santos Filho	Aproxima-se nº 04.
Manoel Sérvulo	Palavras simples nº 06.
Cursino Gama	O momento nº 09.
Salustino Liberato	Não se illudam nº 12; União e coragem nº 16.
Hemetério Cabrinha	Está na hora nº 13.
Elesbão Luz	Sem comentários nº 13.
Rita da Conceição Alves	O Dia do Trabalho nº 14 e nº 15.
Arnaldo de Barcellos	Reportagens oportunas nº 16.
Maia Filho	Operariado amazonense e as Demais classes trabalhadoras do Amazonas nº 17.
J. Pimenta	Finanças da <i>Vida Operária</i> nº 18.
Venicius	O futuro governo e as demais forças vivas do estado nº 19.
Nicodemos Pacheco	Bilhete aos reaccionários nº 20.
Fulton	O dia 14 de julho e a eleição governamental do Amazonas nº 21.
Benjamin de Araújo Lima	Aos operários do Amazonas nº 23.
Plínio	O Sr. Camilo Prates em luta contra o operariado nacional nº 23.
Mauro Santos	Amor e trabalho nº 25.
Cleomenes Honório Dias	O que é o operariado nº 26.

Nomes como Guilherme de Oliveira, Manoel Sérvulo, Cursino Gama, Nicodemos Pacheco, Hemetério Cabrinha, Elesbão Luz, Oswaldo Mário, Flávio Remar e J. Pimenta apareciam ligados a sociedades

² A escrita dos títulos dos artigos é de Época.

operárias (Sindicato dos Cigarreiros, Centro Operário, União Operária e outros). Porém, percebe-se que em momentos tidos como especiais, notadamente o 1º de maio e as eleições, outras vezes se colocavam como a da professora da Escola de Aprendizes-Artífices Rita da Conceição Alves falando sobre o 1º de maio de 1920 e as de Maia Filho, Fulton e Venicius tratando das eleições governamentais. Existiam ainda artigos que não eram assinados.

É importante destacar a constante presença no cenário político amazonense de nomes como Nicodemos Pacheco, Elesbão Luz, Anacleto Reis e Cursino Gama. Só para citar um exemplo desta presença: em 1919, ocorreu uma “greve geral” em favor da jornada de 8h de trabalho, alvo de manifestações em nível nacional. Em Manaus, foi formado o Comitê de Operários Amazonenses para conduzir a greve. Este comitê era composto pelos senhores acima citados e seu Presidente era Nicodemos Pacheco.

Mesmo após a greve de 1919 ter sido sufocada pela repressão e o Comitê extinto e expulso do seu local de funcionamento, este grupo parecia não desistir de lutar em prol da melhoria das condições de trabalho e vida da classe operária, como demonstra a sua presença na elaboração, produção e difusão do jornal *Vida Operária* e, após o desaparecimento deste, no jornal “comemorativo” denominado 1º de maio (1928), cujo Diretor era Cursino Gama.

Era prática dos animadores do jornal *Vida Operária* a transcrição de artigos e informações de jornais que circulavam em outras regiões do País. Este fato indica que havia uma articulação de ideias e, longe de atuar de forma isolada na região, os articulistas estabeleciam contato com lideranças operárias em nível nacional. As transcrições presentes no jornal estão relacionadas no quadro abaixo:

Quadro 2. Matérias reproduzidas de outros jornais

ARTIGO	JORNAL DE ONDE FOI EXTRAÍDO
Política Operária	<i>A Razão</i> do Rio de Janeiro. Escrito por Mariano Garcia
O Que Dizem Todos os Médicos Eminentemente (sobre o álcool)	Relatório Inglês (não há maiores informações)
Para o Sindicatos Camaradas	<i>Hora Social</i> de Recife
O Sindicato Como Escola de Energia	<i>Jornal do Povo</i> do Pará
A Internacional	<i>Hora Social</i> de Recife
Hymno	<i>Gil Blas</i> do Rio de Janeiro
Acto de Fé do Operariado	<i>Gráfico</i> do Rio de Janeiro.
O Rico e o Lázaro	<i>Baptista Amazonense</i>

Havia também informações sobre a luta operária em outros países como Espanha, Portugal, França, Alemanha e Argentina, só para citar alguns exemplos. Estas informações apareciam nos primeiros números do jornal nas colunas intituladas *O que há lá por fora* e *Notícias interessantes*. Estas colunas desapareceram nos títulos posteriores.

Cabe destacar que as transcrições de artigos de jornais de outros Estados, bem como as informações sobre os movimentos operários de outros países, visavam sustentar as posições e argumentos – sobretudo políticos e sociais – defendidos pelo jornal. Assim, a existência de afinidades políticas era critério para que a transcrição ocorresse, além, é lógico, do grau de importância da matéria.

Identificam-se também no jornal duas colunas presentes em todos os números: *Vida social* e *Noticiário*. Na primeira coluna, as informações eram sobre casamentos, nascimentos, viagens, aniversários, agradecimentos e outros aspectos presentes no cotidiano manauara. Para citar um exemplo:

No dia 25 encher-se-a de fastas o lar de nosso prezado camarada, Nicodemos Pacheco, pelo aniversário natalício de sua interessante pequerrucha Ena Christina.

A aniversariante e aos seus desvelados paes, desejamos milhares de venturas (VIDA OPERÁRIA, n. 3, 24 fev. 1920).

É preciso dizer que na coluna *Vida social* figuravam não somente operários, mas também pessoas de outros segmentos sociais, tais como comerciantes, advogados, políticos e médicos.

Com relação à coluna *Noticiário*, os assuntos veiculados neste espaço eram variados. Estavam presentes informações sobre troca de redatores, reuniões de associações, atraso de salários, demissões e admissões além de reclamações sobre a situação das ruas e calçamentos da cidade. Nesta coluna também se publicavam informações descritas abaixo:

Com o fim de cooperar-mos na prodaganda contra o anaphabetismo, avisamos aos nossos caros leitores, que d'oravante, manteremos uma secção intitulada Educandários, onde se encontrará uma relação dos Institutos Collégios e Escollas particulares, existentes nesta capital.

Para a referida secção chamamos a atenção dos nossos leitores (VIDA OPERÁRIA, n. 6, 14 mar. 1920).

Após a publicação desta informação na coluna *Noticiário*, o *Vida Operária* incorporou a seção *Educandários* nos números subsequentes. Esta seção geralmente se localizava na terceira página do jornal e esteve presente até a saída do último número do mesmo (26 de setembro de 1920).

Nas duas últimas páginas restantes ficavam as propagandas e anúncios. Observando estes espaços, é possível identificar a existência de serviços de médicos, leiloeiros, advogados, companhia de seguros, casas comerciais com operações de natureza bancária além de produtos produzidos por Tabacarias (Avenida e Globo), Sapatarias (Novo Mundo, Porfirio Bezerra, Flores e Arone), Farmácias (Lopes, Vieira e Hermes), Marcenarias (União e ABC), Funilaria (União), Alfaitarias (Bezerra, Costa Rodrigues e Elite) e Armazéns (Armazém da Avenida e do Mercado). Estas páginas comportavam algo em torno de 24 publicações de produtos e serviços por título. As publicações variavam de um título para o outro.

Fazendo uma comparação entre os nomes que apareciam associados a produtos e serviços na parte das propagandas e anúncios com nomes de pessoas que auxiliaram financeiramente a publicação de alguns números do jornal (veiculados no décimo primeiro e décimo oitavo títulos), sobretudo os dois primeiros, percebe-se uma questão: a presença de alguns nomes nos dois espaços, como é o caso da Pharmácia do Povo, Restaurante Mineiro, José Lopes, dono da Pharmácia Lopes, Asensi, que era comerciante e outros. Este fato evidencia no mínimo o uso das propagandas e anúncios como uma das fontes de receita (a outra era a venda) para custear a publicação do jornal e também uma importante amplitude de circulação do mesmo, a ponto de atrair o interesse dos comerciantes por este serviço de propaganda.

Quanto a esta última questão, o jornal era distribuído em espaços restritos como associações – dentre as quais se tem a União Operária Nacional, Centro Operário Nacional, Associação de Classe das Quatro Artes da Construção Civil, Sociedade Beneficente União dos Foguistas, Sindicato dos Estivadores, Artes Gráficas, União dos Moços e Marinheiros, União de Classe dos Pedreiros, Sindicato dos Cigarreiros, Associação dos Construtores Civis e por fim a Coligação dos Oficiais da Marinha Mercante – Colégios, Institutos e nos bares e botequins.

A leitura empreendida era coletiva e se realizava nos espaços acima descritos e também nas esquinas das ruas. Aqueles que tinham o domínio da leitura e da escrita, geralmente os segmentos médios urbanos (professores, comerciantes, militares etc) e parcelas de operários

qualificados – uma vez que a esmagadora maioria dos operários era analfabeta – lia em voz alta. Este tipo de leitura se colocava enquanto estratégia da cultura letrada para se fazer presente dentro de um quadro cultural adverso presente em Manaus, ou seja, da marcante oralidade.

Com efeito, os responsáveis pela produção desta folha não pertenciam propriamente à classe operária, mas aos segmentos médios urbanos. O jornal tinha como diretor o Professor Elesbão do Nascimento Luz e como redatores Hemetério Cabrinha, poeta e Paulino Carvalho, funcionário da Delegacia Fiscal. Como gerente estava Anacleto Reis que, segundo Pinheiro (1999, p. 174), era uma “destacada liderança dos estivadores manauaras”, e como auxiliar, Jorge Benedito Ferreira.

Observa-se, neste ponto, que existia um grupo – segmentos médios urbanos – propenso a fazer uma espécie de “aliança para baixo”, enquanto que no meio operário havia um setor que aceitava fazer alianças com outros segmentos que viessem somar com a causa operária, estratégia denominada aqui de “colaboração de classes”, para usar os termos de Boris Fausto (1986). Como explicar esta aproximação?

Para responder a esta pergunta é preciso destacar dois elementos fundamentais. O primeiro são as transformações socioeconômicas ocorridas em algumas das principais cidades brasileiras, dentre as quais Manaus se inclui. Estas transformações fizeram surgir e ampliar categorias de trabalhadores urbanos – advogados, professores, funcionários públicos, operários e outros – que passaram a exigir participação nos espaços de decisões políticas. O segundo elemento se refere à exclusão social e política presente na Primeira República Brasileira. Tanto os operários quanto os segmentos médios eram excluídos politicamente e, desta forma, criticavam o sistema político da Primeira República. Talvez esta exclusão seja o elemento de atração e aproximação entre eles, fazendo brotar daí projetos de participação política.

Desta forma, identificando-se com a classe operária, os animadores do jornal tratavam de assuntos relacionados ao viver operário e, claramente, os tinham como público alvo. Por si só, tais características – como já foi mencionado – bastavam para que o jornal fosse definido enquanto integrante da Imprensa Operária.

Em seu primeiro número, em artigo intitulado *Como surgimos*, o jornal registrou o espaço em que foi idealizado, quem o idealizou e como, enfim, surgiu. Assim, numa espécie de “bohemia espiritualizada”, numa banca de mármore (provavelmente em algum botequim), entre tragos de

cigarro e café, cinco indivíduos – Elesbão Luz, Oswaldo Mário, Hemetério Cabrinha, Anacleto Reis e Nicodemos Pacheco – interessados na ideia de fundar um jornal operário o conceberam.

Sim a Vida Operária...
 Responde o Velho professor.
 Surgirá! Exclama Oswaldo entusiasmado! E brilhará! Murmura Cabrinha agitado, dizendo; o Luz será o diretor! E parte da litterária é sua exclama Oswaldo irrevogável! Pois você é o sucurijú da prosa e a águia do verso!
 E é logo allí sobre a mudez impenetrável do mármore que se idealiza o artigo de fundo ... a vida mundana ... a vida mundana ... o programma...
 Nada! Diz o Cabrinha com os dedos entre os cabellos desalinados.
 Há de ser assim...
 E já a passarada celebrava os funeraes do sol, quando dalli sahimos intoxicados de jornalismo, e de ideias grandes.
 E foi assim que surgimos! (VIDA OPERÁRIA, n. 1, 08 fev. 1920).

Os idealizadores da folha reservaram espaço na primeira página do segundo número do jornal para informar como foi recebido o novo periódico no cenário jornalístico amazonense. Neste espaço foi citado o comentário de seis jornais: *A Imprensa*, *Jornal do Comércio*, *Gazeta da Tarde*, *Imparcial*, *Extremo Norte* e *União Portuguesa*.

Consoante o jornal *Vida Operária*, o jornal “*A Imprensa*” assim o escreveu:

Recebemos, hontem, o primeiro número da Vida Operária, órgão de defesa das classes laboriosas de Manãos.
 É um periódico de alevantadas idéas, bem redigido e que traz matéria interessante na sua parte editorial (VIDA OPERÁRIA, n. 2, 15 fev. 1920).

O *Jornal do Comércio* e o *Gazeta da Tarde*, jornais representantes da denominada “grande imprensa”, limitaram-se a indicar os nomes do diretor, redatores e auxiliares. Somente o *Gazeta da Tarde*, que vai mais além, mencionou algum tipo de sucesso ao jornal *Vida Operária*: “*Ao nosso confrade, que appareceu com uma optima edição, almejamos perennes felicidades, na lida que se impõe*” (GAZETA DA TARDE, 09 fev. 1920).

O acanhado comentário de ambos refletia a atuação dos grupos que os davam vida. Sendo veículos de difusão e defesa de propostas políticas e socioeconômicas, ligadas aos grupos econômicos (seringalistas, grandes comerciantes, funcionários públicos de alto escalão e outros), a chegada de um órgão que se propunha a defender as classes laboriosas era no mínimo arriscada. Neste sentido, até a felicidade supostamente desejada pelo *Gazeta da Tarde* poderia se diluir, como talvez tenha ocorrido, a partir do confronto de ideias e projetos políticos divergentes.

Quanto ao *Extremo Norte* e a *União Portuguesa*, o primeiro, sendo integrante da imprensa operária, desejava “*vida longa e prosperidades mil*”. Porém, alertava que o lema adotado pelo novo impresso “*é o mesmo que (...) usamos em o nosso semanário*”, indicado uma possível disputa futura entre ambos pelo controle do movimento operário. Quanto ao segundo, da mesma forma, almeja “*uma longa existência ao novo confrade*” (VIDA OPERÁRIA, n. 2, 15 fev. 1920). A posição da *União Portuguesa* com relação ao surgimento do “novo confrade” refletia, em grande medida, a relação estabelecida entre ambos que culminou com a impressão, nas oficinas deste jornal, do segundo número do *Vida Operária*.

Sobre a impressão do jornal *Vida Operária*, o primeiro número foi confeccionado nas oficinas do *Diário Oficial* a um custo de 80\$000. O segundo, como mencionado no parágrafo acima, foi impresso nas oficinas da *União Portuguesa* e custou 90\$000. Somente a partir do terceiro número que o jornal aqui abordado será produzido em oficina própria situada na rua municipal nº 54 (VIDA OPERÁRIA, n. 18, , 13 jun. 1920).³ Entretanto, no mês de agosto, a redação deste periódico mudou deste endereço e passou a se localizar na Praça São Sebastião, nº 9 (VIDA OPERÁRIA, n. 24, 29 ago. 1920).

O “layout” do jornal foi se modificando conforme as mudanças foram se sucedendo. Ao sair das oficinas do “*Diário Oficial*” sua configuração era a que aparece na Imagem 1. Com a impressão do jornal nos equipamentos da “União Portuguesa” houve pequena modificação. Assim, do número três ao número 22, as publicações seguiram sem modificações no “layout”. A partir do número 23 o jornal sofreu outra pequena modificação.

³ Nesta edição, o jornal publicou não só os nomes das pessoas, empresas, colégios e associações que colaboraram financeiramente para a publicação da edição especial de 1º de maio, como também um balanço sobre as finanças do periódico, especificamente da publicação dos até então 18 títulos.

Imagem 1: Exemplar do Jornal *Vida Operária* – Nº 23



Comparando as edições, após o número 23 é possível perceber que as diferenças estavam numa melhor distribuição dos conteúdos, sem o uso de fontes pequenas usadas anteriormente para compactar as matérias mais longas. O resultado foi, na verdade, uma legibilidade maior. Contudo, as modificações não atingiram o número de colunas que permaneceram quatro por página. Quanto às páginas gravitavam em torno de quatro, sendo ampliadas em edições especiais e comemorativas (como o 1º de maio) e diminuídas frente a dificuldades técnicas, financeiras e políticas.

Com efeito, a opção pela criação do jornal estava ancorada na compreensão que seus produtores tinham do potencial da imprensa no interior da vida moderna. O jornal era, antes de tudo, transformador e, dessa forma, *“a palavra quando bem aplicada poderá remover todos os empecilhos”* (VIDA OPERÁRIA, n. 4, 29 fev. 1920).

O jornal surgiu com o objetivo claro de atuar como elemento aglutinador dos interesses e das reivindicações operárias amazonenses. Como porta-voz da classe operária, procurava chamar a atenção dos setores dominantes e do poder público para questões que afligiam os trabalhadores. Não era, contudo, veículo de discursos revolucionários. Pelo contrário, em observância das leis constitucionais e sem propor alterações da ordem, a defesa do operário era traçada em suas páginas.

Assim sendo, a *Vida Operária*, lança-se hoje à luz, como defeza exclusiva do operariado desta terra maravilhosa, prompta para deffender, dentro dos limites da ordem, o interesse de uma classe esquecida e velipendiada pelos que nada produzem, a não ser a brutalidade espantosa de augmentar o capital (VIDA OPERÁRIA, n.1, 08 fev. 1920).

A produção dos jornais operários era repleta de dificuldades, seja pela falta de financiamento tipográfico para este tipo de imprensa, seja pelo acesso extremamente penoso acesso aos materiais necessários para produzi-los. Estas dificuldades estiveram presentes na elaboração e sustentação das publicações do jornal *Vida Operária*. Entretanto, algumas estratégias foram tomadas para contornar esta situação. Entre elas, e de forma imbricada, podem-se citar duas: a construção de uma articulação entre as diversas associações existentes para a sustentação do jornal e a colaboração direta do operário.

Quanto ao primeiro ponto, percebe-se nos artigos o esforço de seu diretor e colaboradores em constantemente visitarem as sedes das associações operárias. As propagandas do jornal eram realizadas no Centro Operário do Amazonas, na União Operária Nacional, na Sociedade União dos Foguistas e na Associação das Quatro Artes da Construção Civil, para citar algumas.

Em o dia 25 do mez p. findo, foi este Centro (Centro Operário do Amazonas) visitado por um dos nossos companheiros de redacção que ali fora em propaganda deste órgão.

Recebido distintamente pelos camaradas em plena sessão, após a leitura do expediente, de posse da palavra expoz numa brilhante allocução o fim de sua visita.

Entre outras cousas, disse o nosso companheiro, que se achando o operariado amazonense organizado e forte, tornava-se preciso antes de tudo, manter em nosso meio um jornal que fosse a sua legítima defesa, sendo as suas últimas palavras abafadas por uma estrondosa salva de palmas.

Terminada a sessão os camaradas dessa bem organizada sociedade, manifestando a mais clara satisfação, acompanharam o nosso companheiro até a porta, de uma maneira que só podemos agradecer (VIDA OPERÁRIA, n. 2, 15 fev. 1920).

Nestas visitas, identifica-se um discurso que atentava para a formação, entre os operários, de uma só família e de um só ideal. Isto é revelador de que as divergências existiam no interior do movimento. Percebida a contradição, os dirigentes do jornal procuravam combatê-la, por meio da afirmação de propostas unificadoras.

O jornal, por identificar-se com as classes operárias e por colocar-se como instrumento essencial para a construção da defesa dos interesses de classe, falava diretamente aos trabalhadores, chamando atenção para a importância de contribuírem para a manutenção daquele órgão. Vários artigos foram publicados não só falando das dificuldades de sua produção, como também da necessidade de auxílios para mantê-lo. Num deles, é possível ler:

Companheiros! A Vida Operária, como verdadeira pioneira, como batel deslisando sobre os encapeladas ondas do mar, há de defender como forte baluarte, com viva manifestação, a nossa dor, os nossos sofrimentos.

Companheiros! Se quereis lutar, faz-se preciso para que possamos proseguir nessa lucta insana, prestar os vossos auxílios a Vida Operária, por que ella sem titibiesa e com plena convicção demonstrará a nossa emergência, e, se por accaso necessário for retirarmo-nos dessa lucta pela conquista dos nossos ideaes, grandemente será redobrado os nossos soffrimentos!... (VIDA OPERÁRIA, n. 4, 29 fev. 1920).

Além desses dois aspectos principais havia um terceiro: a divulgação e difusão dos jornais nas escolas, colégios e institutos. As colunas do *Vida Operária* se apresentavam enquanto espaço onde questões do universo operário eram mencionadas e discutidas. Assim, em suas páginas, além das denúncias contra os baixos salários, a carestia de vida, a prepotência e arrogância dos patrões e os acidentes de trabalho⁴,

⁴ Como o jornal passou a circular num momento de crise econômica, situações específicas oriundas deste contexto foram veiculadas. Desta forma, as demissões que ocorriam neste momento eram criticadas em suas colunas. Também a carestia de vida era denunciada e contestada, inclusive com fortes acusações sobre alguns comerciantes locais, apontados como “açambarcadores” e “aproveitadores”. Havia um conjunto

encontravam-se um conjunto de demandas operárias que vinham a público.⁵

Enfim, o jornal *Vida Operária* procurava atuar enquanto elemento vital de conscientização e organização, colocando-se como um instrumento criado para fomentar a mobilização e luta dos trabalhadores manauaras, numa tentativa de construir uma intervenção operária na construção de sua própria história.

O JORNAL *VIDA OPERÁRIA* E SUA PROPOSTA DE AÇÃO POLÍTICA

A construção de um processo de intervenção com a finalidade de promover mudanças sociais significativas nas condições de vida e trabalho dos operários manauaras acabou sendo pensado dentro de parâmetros reformistas. Neste processo, nas colunas do jornal, três elementos foram considerados importantes para a luta operária: a associação, o partido e o próprio jornal.

Com relação ao primeiro ponto eram constantes as tentativas de esclarecimentos acerca da importância da organização dos operários em torno de organismos que os representassem. Destacava-se que a ausência destes organismos dificultaria o processo de estabelecer posições contrárias às *"imposições"* e aos *"desmandos"* do patronato.

A própria atuação do patronato em construir associações para tratar e discutir assuntos referentes ao universo do trabalho era destacado, reforçando a imperiosa necessidade de congregação dos operários, caso contrário, correriam riscos de serem *"inutilizados pelo braço potente do Capital"*.

Operários, martyres da democracia moderna, escravos da prepotência do capital, abnegados da sorte escutae, e pretae como verdadeiros apóstolos, nesse momento de convergimento

grande de denúncias contra as empresas concessionárias dos serviços urbanos, sobretudo as estrangeiras Manaós Tramways, Manaós Harbour e Manaós Improviments, todas acusadas não só de explorar os seus empregados como também de não se preocupar com os equipamentos que funcionavam em estado precário, causando inclusive acidentes de trabalho.

⁵ Quanto às demandas, tinha-se a diminuição da jornada de trabalho (estipulada em oito horas diárias), pontualidade no pagamento, elevação dos níveis salariais, criação de tribunais arbitrários para julgamento de conflitos entre patrão e empregado (com destaque para uma atuação do Estado enquanto árbitro da questão), estabilidade no emprego, enfim, uma série de pontos a serem discutidos e implementados.

os vossos esforços em prol da sacro-santa causa da emancipação dos povos.

Não vacileis um só instante, não percaes um só momento – congregae-vos, - porque um momento de vacilação, redundará num aniquilamento inqualificável para vós que, sois a força motora, de tudo que se vê nesse immenso orbe!

organização é o mais forte baluarte, é a mais viva manifestação, é a arma da defesa, é o reducto impenetrável da conquista dos direitos de uma classe e de um povo!

São amesquinçados, vituperados, trucidados e finalmente escravizados pelo braço potente do capital, os operários sem organização, porque é um rebanho sem pastor e um exercito sem comando.

Urge pois o congrassamento de todas as classes para o operariado ser forte, poderoso, coheso e valoroso porém, se ellas continuarem nessa indolência inexplicável, as suas dores multiplicarão mil vezes mais, porque a burguezia está sempre apostos (VIDA OPERÁRIA, n. 5, 07 mar. 1920).

A associação era vista como um instrumento capaz de produzir “união” e “coesão”, elementos considerados necessários ao processo de luta operária. Ainda, em seu interior, era possível abrir espaço para discussões acerca de temas referentes às questões de trabalho e vida da classe operária. Certamente, a associação, enquanto organismo institucional constituído juridicamente, possibilitava maior articulação interna, congregando os operários e veiculando suas demandas de uma forma mais segura.

Para Batalha (2003, p. 180), o mundo associativo criado era em parte a resposta produzida pelos trabalhadores frente a um sistema político⁶ que os colocava à margem da sociedade. Ainda, segundo o autor, o associativismo criado se materializava por meio de uma rede extremamente diversificada e rica de associações.

O jornal *Vida Operária* expressava as diversas formas associativas existentes: Associações Beneficentes, Associações Mutualísticas, Sindicatos, Uniões, Federações e Sociedades (União Beneficente dos Foguistas, União dos Marinheiros, Sindicato Operário dos Cigarreiros, Sindicato dos Estivadores, União Operária Nacional, Centro Operário,

⁶ Um sistema criado no interior da Primeira República Brasileira com uma estrutura que privilegiava as oligarquias cafeeiras – política dos governadores – e excluía os analfabetos do processo de eleição e voto. Era a o tempo da República excludente (RESENDE, 2003).

União dos Pedreiros, Sociedade das Artes Gráficas do Amazonas). Essa gama variada de associações refletiu a construção de um espaço de discussão política. Porém, a construção e a manutenção deste espaço no período histórico da Primeira República exigia uma constante superação das dificuldades presentes na constituição dos arranjos associativos (problemas no processo de associação, financeiros, perseguição política etc).

Com efeito, o segundo elemento da luta operária era o partido operário, cuja constituição era destacada e percebida como uma necessidade. Para os articulistas, havia a compatibilidade entre as questões do trabalho e as da República que resultariam do entendimento da defesa dos princípios clássicos de igualdade e fraternidade, que se concretizaria pela incorporação dos operários (e do povo em geral) numa ordem econômica (novo regime de trabalho) e política (nova forma de representação).

As nossas leis, constitucionaes, são as mais libérrimas possíveis, porém o ouro, o celebre ouro e a ambição dos homens têm as reduzido a um papel sujo, os direitos do povo a uma garrafa de vinagre com o rótulo de champagne.

Faz-se preciso que o operário surja, que os governos dêem liberdade ao povo e que esse povo se eduque, se organize, se constitua, se remodele, e retoque as nossas próprias leis, para que ellas não sejam um facto e sim uma verdade.

É preciso que o lema do regimen que nos governa que é o de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, não mais se conserve nessa fictícia illusão, servindo tão somente de reclamo garrafal, para esse burgo podre que é o povo (VIDA OPERÁRIA, n. 15, 16 maio. 1920).

No seu primeiro número, por meio da apresentação do seu programa, o jornal já havia revelado as linhas gerais da atuação política a ser defendida. Esta atuação obedeceria *“as leis constitucionaes deste paiz de liberdade”* e representaria o desejo do operário de ter *“o seu direito na vida social”*.

Os diretores e colaboradores do jornal pregavam como elemento de inserção dos operários na vida política, o partido político, uma vez que o mesmo era um instrumento reconhecido pela nova forma de governo. Em torno dele os operários se organizariam e se mobilizariam em prol de suas causas, articulando um conjunto de ações e reivindicações a serem defendidas e implementadas.

Daí, o esforço dos expoentes que colaboravam na produção do jornal (Elesbão Luz, diretor do jornal, Anacleto Reis, Nicodemos Pacheco colaboradores, e outros) de fundar um Partido Operário Amazonense.

No domingo p. p. realizou-se a primeira reunião anunciada no teatro Alcazar para a fundação do Partido Operário Amazonense. As 9 ½ horas da manhã, na presença de um avultado número de operários, o sr. Cursino Gama, abriu a sessão, expondo aos assistentes o fim da reunião, e em seguida deu a palavra a quem della quizesse fazer uso.

Falaram os operários Nicolau Pimentel, Raymundo Rodrigues, Anacleto José dos Reis e Nicodemos Pacheco.

Depois de alguns debates, foi approvedo a fundação do partido, adherindo a idéia, a totalidade dos assistentes.

Hoje as mesmas horas e no theatro Odeon deverá se realizar nova reunião, afim de ser approveda a regulamentação do Partido.

Concitamos ao operariado em geral para comparecer a reunião de hoje.

Esta redacção fez-se representar pelo nosso director (VIDA OPERÁRIA, n. 18, 13 jun. 1920).

Ângela de Castro Gomes (1988), analisando a proposta dos partidos políticos elaborada por dois jornais socialistas nos anos iniciais da República (o *Echo Popular*, criado por Luís França e Silva e *A Voz do Povo*, por José Augusto Vinhaes), apontou que o grande objetivo de ambos era a resolução da questão social. As reformas sociais desejadas só poderiam vir por meio das leis e estas só se fariam com a existência de mais representantes das classes trabalhadoras no Parlamento. Daí a necessidade do partido operário e da defesa de seu objetivo específico.

O jornal *Vida Operária* procurava desenvolver ideias e ações nesta linha como sugere o trecho extraído de suas colunas:

E uma vez que o nosso operariado trabalhem em suas sociedades, e estabelecendo entre os seus associados várias conferencias neste sentido e lendo ao mesmo tempo os mais necessários tópicos da Constituição Brasileira, e, sobre tudo na parte que se refere aos direitos civis e políticos do cidadão; creio ser mais que o bastante, para que cada associado se compenetrem dos seus principaes direitos e deveres.

E uma vez se trabalhando com esse intuito, tempo virá que quando se tratar de qualquer renovação para Câmara ou para o Senado da República, os companheiros serão, não enxergados por um ocular, mas sim reivindicados nos seus direitos representativos (VIDA OPERÁRIA, n. 16, 30 maio. 1920).

Percebe-se que a representação no parlamento foi mencionada, o que evidencia a existência de uma tática de luta: a parlamentar. A proposta política defendida e difundida pelo jornal apontava para a fundação de *Associações Operárias* ligadas a um *Centro Federativo* (cada Estado da federação teria o seu). Este *Centro* se ligaria à *Confederação do Trabalho* cuja sede seria na Capital Federal. O *Partido Operário* estaria ligado ao *Centro Federativo* e teria âmbito nacional.

O objetivo era articular os operários em associações ligadas a um *Centro* que por sua vez estaria articulado com o *Partido Operário* que se empenharia em lançar nomes para participar do processo político-eleitoral, a fim de eleger representantes que atuariam no sentido de realizar, via legislação, as reformas sociais.

Em virtude de problemas ocorridos no decorrer do pleito governamental⁷, realizado em 14 de julho de 1920, foi produzido e veiculado um artigo que reforça esta proposta de participação política.

E ao concluir estas desalinhadas linhas, companheiros, o que só nos resta fazer apesar de todos os dissabores, é nos arregimentarmos no grande Partido Operário Socialista Amazonense; procurando difundir a instrução entre as classes; e de entre nós elegermos os nossos candidatos (por nos ser facultado esse mesmo direito); quer perante o Congresso do Estado como do Município... (VIDA OPERÁRIA, n. 21, 25 jul. 1920).

Nesta construção de "*cidadania operária*", a associação e o partido político eram postos em relevo. Quanto ao terceiro elemento da luta operária, o jornal, este assumia a função de atuar no sentido de difundir a proposta, procurando conscientizar e mobilizar a classe operária para tal ação política.

⁷ Problemas de vigilância e controle do pleito pelos situacionistas, de compra e venda de votos – denominada pelo jornal de "agiotagem do voto" –, corrupção etc.

REFERÊNCIAS

- BATALHA, Cláudio. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 161-189.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Contexto/Edusp, 1994.
- FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: Difel, 1986.
- FERREIRA, Maria de Nazareth. *Imprensa operária no Brasil*. São Paulo: Ática, 1988.
- GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. São Paulo: Vértice, 1988.
- HOBBSAWM, Eric. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto; PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte (Orgs). *Imprensa operária no Amazonas*. Manaus: EDUA, 2004.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925)*. Manaus: EDUA, 1999.
- RESENDE, Maria Efigênia Lage. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 89-120.
- VIEIRA, Maria do Pillar et al. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1989.
- ZICMAN, Reneé Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 4, p. 89-102, 1985.

